

A cultura da romãzeira no Alentejo

Experiência mostra boa adaptação

A experimentação levada a cabo no Centro Hortofrutícola da Escola Superior Agrária de Beja, tem mostrado que a cultura tem boa adaptabilidade à região, produzindo frutos de boa qualidade e sem necessidade de muitos cuidados culturais. O principal problema que tem surgido é o da sua sensibilidade aos afídeos.



Autoria:
REGATO, Mariana
Duarte*; GUERREIRO,
Idália Manuela
Instituto Politécnico de
Beja/Escola Superior
Agrária

*e-mail: mare@esab.ipbeja.pt

1 - INTRODUÇÃO

A execução do *Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva* veio permitir a irrigação de uma vasta área de solos com aptidão agrícola para o regadio, permitindo tirar partido das vantagens comparativas do Alentejo relativamente a muitas culturas, nomeadamente as hortofrutícolas, a vinha e o olival, conduzindo ao aparecimento de novos processos produtivos.

O regadio veio alterar a agricultura que se praticava no Alentejo, que era essencialmente de sequeiro, com predominância dos cereais, olival e vinha. No entanto, esta região apresenta características edafo-climáticas que permitem realizar culturas muito diversificadas e diferentes das praticadas até então, nomeadamente os frutos secos (especialmente a amêndoa e a noz), os frutos frescos (pêssegos, nectarinas, ameixas, pera rocha, maçã, romã, etc.) os citrinos e as culturas hortícolas (especialmente as horto-industriais).

São produtos, cuja procura tem aumentado, tanto no mercado interno, como externo e nos quais Portugal é deficitário.

Surge assim, uma nova

agricultura, mais competitiva, que se irá traduzir a médio/longo prazo, num maior desenvolvimento económico da região, com a consolidação de alguns projetos agroindustriais.

Atualmente, alguns agricultores da região já instalaram pomares de romãzeiras e outros estão interessados em fazê-lo, em virtude de haver uma maior procura do fruto, por parte do consumidor.

Esta cultura pode ter interesse para o Alentejo, uma vez que a romã é um fruto que tem muitas propriedades que são importantes para a saúde do consumidor, nomeadamente a sua riqueza em antioxidantes, atualmente muito procurados pelos seus benefícios contra o envelhecimento.

Em Portugal existem poucos pomares estremes de romãzeira, existindo apenas árvores dispersas em bordadura e em solos de má qualidade, o que conduz à necessidade de importação dos frutos, principalmente de Espanha.

A cultura da romãzeira está concentrada na região do Algarve, que representa 86% da área e 96% da produção total do continente (Anuário Vegetal, 2006).

A área total da cultura no país é de 108 ha e a produção é de 408 t

A comercialização decorre de meados de setembro a meados de dezembro, com uma concentração de oferta muito reduzida e uma qualidade dos frutos muito fraca,

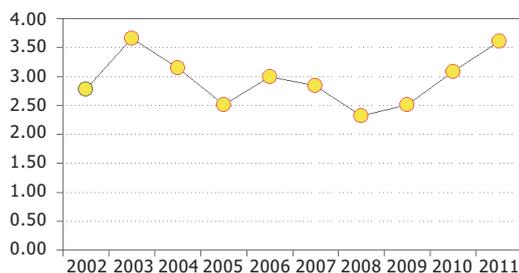


Figura 1 – Média anual dos preços de romã na Europa, de 2002 a 2011. Fonte: Rymón, 2011.



Fig. 2 - Árvore da cultivar Mollar de Elche.



Fig. 3 - Fruto da cultivar Mollar de Elche.



Fig. 4 - Árvore da cultivar Mollar de Játiva.



Fig. 5 - Fruto da cultivar Molar de Játiva.

qualidade necessária para competir com os frutos provenientes de Espanha, que apresentam um bom calibre e uma boa apresentação e têm vindo a conquistar gradualmente o consumidor nacional (Anuário Vegetal, 2006).

Não se prevê investimento nesta cultura no país, o que pode ser mais uma vantagem para a região do Alentejo.

Outro motivo de interesse, por parte dos produtores é o elevado preço que este fruto pode atingir nos mercados.

Na figura 1, pode observar-se a evolução dos preços médios da romã desde 2002 a 2011 (Rymón, 2011).

2 - GENERALIDADES SOBRE A CULTURA DA ROMAZEIRA

A romãzeira é uma espécie cultivada desde os tempos mais remotos. A sua origem estende-se desde as Balcãs até aos Himalaias.

Atualmente, a árvore está adaptada à região Mediterrânica, América do Sul e Sul dos Estados Unidos.

Apresenta a seguinte taxonomia de acordo com Moreno e Martinez-Valero, (1992):

Divisão: Fanerogâmicas

Subdivisão: Angiospérmicas

Classe: Dicotiledóneas

Família: *Punicaceae*

Género: *Punica*

Espécie: *Punica Granatum* L.

O clima mais adequado para o cultivo desta espécie é o subtropical, temperado quente ou até o tropical.

Exige temperaturas elevadas na época de maturação dos frutos.

Suporta bem a seca, no entanto necessita de humidade e frescura ao nível das raízes para produzir frutos de boa qualidade.

Fora das regiões tropicais, adapta-se bem em locais onde as

de pequeno calibre e coloração heterogénea, comercializados essencialmente nos mercados regionais (Anuário Vegetal, 2006).

O produto nacional não tem a

, sem grandes cuidados culturais

temperaturas não desçam além dos -15° C. Apenas, algumas cultivares suportam temperaturas de -18° C e -20° C. Em pleno inverno resiste a temperaturas inferiores aos -7°C. É muito sensível às geadas tardias a partir da entrada em vegetação. Apresenta sensibilidade às geadas tardias de primavera.

A romãzeira não é exigente em solos, no entanto prefere os profundos, especialmente os de aluvião.

Adapta-se bem a solos de reação alcalina e até com alguma humidade. No entanto, o solo ideal deve ter textura ligeira, ser permeável, profundo e fresco.

É tolerante à seca, à salinidade, à clorose férrica e ao calcário ativo.

3 - ADAPTABILIDADE DA ESPÉCIE AO ALENTEJO

Com o objetivo de estudar a adaptabilidade da romãzeira à região, instalou-se em 1996, no Centro Hortofrutícola da Escola Superior Agrária de Beja, um pomar de romãzeiras com uma área de 0,06 hectares, onde se instalaram as cultivares Mollar de Elche e Mollar de Játiva, provenientes do enraizamento de estacas. O compasso praticado foi o de 6x4 m, com o sistema de condução em vaso médio, com uma altura do tronco de 70 cm.

3.1 - CULTIVARES

Resumem-se de seguida, as características das cultivares:

A - Mollar de Elche

Origem: Espanha - Elche (Alicante). A zona de cultivo em Espanha é em Alicante e Múrcia.

Árvore (Moreno e Martinez-Valero, 1992) (fig. 2): Apresenta bom vigor e porte arredondado, com tendência arbustiva.

Fruto (Moreno e Martinez-Valero, 1992) (fig. 3): O fruto apresenta grande calibre, peso de 262g, o rendimento em sementes é de 72,66%, a espessura da casca é de 1,88mm e a relação diâmetro/altura é de 1,2. A forma é arredondada. É coroada superiormente pelas sépalas do cálice. A epiderme é rosada sob fundo verde-claro. A parte comestível é carnuda de cor rosada. A colheita no Alentejo, realiza-se a partir de meados de outubro.

B - Mollar de Játiva

Origem: Espanha - Província de Valência.

Árvore (Moreno e Martinez-Valero, 1992) (fig. 4): Apresenta bom vigor e porte arredondado, com tendência arbustiva.

Fruto (Moreno e Martinez-Valero, 1992) (fig. 5): O fruto apresenta bom calibre, o peso é de 183,4 g, o rendimento em sementes é de 70,27%, a espessura da casca é de 2,77mm e a relação diâmetro/altura é de 1,4. A forma é arredondada. A epiderme é rosada e a parte comestível é carnuda, de cor avermelhada. A colheita inicia-se na primeira ou segunda semana de outubro.

Pub.

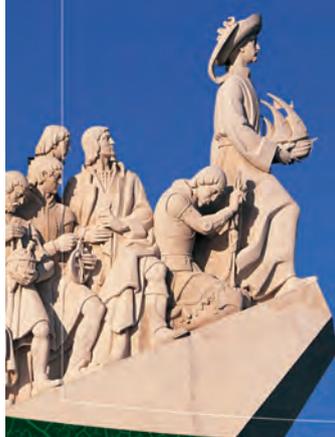
DESCUBRA SIR ELYAN F₁,

a nova variedade de tomate chucha.



SEGURANÇA
RESISTÊNCIA : TSWV:0 (HR)
TOLERÂNCIAS : NECROSE APICAL
E BLOTCHY RIPENING

ALTO RENDIMENTO COMERCIAL
FRUTO DE EXCELENTE
QUALIDADE





JUNTOS INOVAMOS PARA VOCÊS

www.vilmorin.com

Vilmorin Iberica S.A. - C/ Joaquín Orozco, 17 bajo
03006 ALICANTE - ESPAÑA
Tel. : +34 902 19 34 36 - Fax : +34 965 92 20 44
E-mail : ibericalicante@vilmorin.es

Figura 3: Mollar de Elche - Instituto de Hortofruticultura Subtropical y Mediterránea "La Alfranca" de la Universidad de Murcia. Documento não contrastado. 012 - 1986.

3.2 ESTADOS FENOLÓGICOS

Ao longo destes anos, tem sido realizada a observação dos estados fenológicos das cultivares instaladas no Centro Hortofrutícola.

Com este estudo pode-se determinar, em qualquer momento, em que estado de evolução se encontram os gomos florais, o que

contribui para os seguintes fins:

- proporcionar dados sobre a biologia floral da espécie e poder comparar e estudar o comportamento das cultivares no seu meio de cultivo;
- facilitar dados sobre o desenvolvimento dos botões florais da árvore relacionados com a influência dos fatores ambientais;
- contribuir para a melhoria das

técnicas de cultivo (monda de frutos, nutrição, controlo de infestantes, etc.);

- intervir no momento oportuno contra os diversos inimigos da cultura e efetuar os tratamentos em determinado estado de desenvolvimento de um gomo;
- detetar possíveis anomalias de carácter fisiológico ou virótico.

No quadro 1 estão representados alguns dos diferentes estados fenológicos observados nesta fruteira e as datas da sua ocorrência na região, para cada uma das cultivares.

Verifica-se um intervalo de tempo bastante alargado para a ocorrência de cada um dos estados fenológicos, em virtude da romazeira ter uma floração escalonada.

ESTADOS FENOLÓGICOS

CULTIVARES	ESTADOS FENOLÓGICOS							
								
	•Entumescimento do gomo	•Ponta vermelha	•Aparecimento das 1.ª folhas •Separação das folhas •Crescimento das folhas •Alargamento dos entrenós	•Aparecimento dos gomos florais •Entumescimento dos gomos florais •Alargamento da flor e do cálice •Abertura do cálice •Início da abertura das flores	•Flor aberta	•Início da queda das flores •Queda das pétalas / vingamento	•Desenvolvimento do fruto	•Maturação do fruto
Mollar de Elche	20/01 a 05/03	05/02 a 17/03	09/02 a 20/03	23/03 a 12/07	28/04 a 12/07	30/04 a 20/07	20/06 a 20/09	20/09 a 16/10
Mollar de Játiva	15/01 a 02/03	03/02 a 15/03	07/02 a 20/03	23/03 a 26/04	26/04 a 09/07	03/05 a 16/07	25/06 a 15/09	15/09 a 10/10

3.3 - PRÁTICAS CULTURAIS

Rega

A rega é realizada através de um sistema de rega de gota-a-gota, com dois gotejadores autocompensantes por árvore e com um débito de 8 L h⁻¹. A dotação média é de 1800 a 2300 m³ ha⁻¹ ano⁻¹.

Pratica-se a fertirrega com adubos líquidos, aplicando-se a formulação 24-12-12 de fevereiro a abril e a de 12-5-36 de abril a outubro.

Poda

A poda anual realiza-se de fins de dezembro a fins de janeiro e tem como principais objetivos, provocar o arejamento e a iluminação da copa, retirando a madeira velha, assim como os ramos mal inseridos, que se desenvolvem para o interior da copa, e os que apresentam alguma doença ou ataque de pragas (Moreno e Martínez-Valero, 1992).

Também são retirados os ramos ladrões, que se formam no centro da copa e junto ao tronco, de forma a não permitir a formação de um arbusto, visto que é esta a tendência natural da árvore.

Controlo de infestantes

O controlo de infestantes faz-se através do enrelvamento permanente na entrelinha, com destroçamento das infestantes e a utilização de um herbicida (Glufosinato de amónio) na linha, uma ou duas vezes por ano.

Realiza-se o destroçamento da lenha da poda, conjuntamente com as infestantes.

Pragas e Doenças

As pragas mais comuns são os afídeos (*Aphis punicae*) (Nafria, et al., 1984 cit. in Moreno e Martínez-Valero, 1992) e a mosca do mediterrâneo (*Ceratitis capitata* Wied).

As doenças que mais têm surgido são a podridão do fruto (*Botrytis cinerea*) e o crivado (*Clasterosporium carpophilum*).

Acidentes fisiológicos

Também se têm verificado alguns acidentes fisiológicos, nomeadamente o rachamento do fruto. Este acidente fisiológico é provocado pelo desequilíbrio hídrico entre a fase de crescimento e de maturação do fruto. Acentua-se em anos de seca. O sistema de rega gota-a-gota permite evitar este problema, obtendo-se frutos de melhor qualidade. Este fenómeno é mais acentuado em cultivares de floração tardia. A salinidade da água também pode provocar o rachamento dos frutos, assim como a ocorrência de precipitação na altura da colheita. Um número de frutos adequado ao vigor da árvore, diminui este problema.

O escaidão é outro acidente, que também ocorre, sendo provocado por uma forte insolação, que conduz a queimaduras nos frutos, surgindo na casca pequenas gretas e manchas de cor castanha a negra.

Os frutos ficam com um sabor ácido e desagradável.

Estes acidentes podem provocar uma quebra de produção de 30 %.

Referências Bibliográficas
Anuário Vegetal. 2006. Gabinete de Planeamento e Política Agro-Alimentar. Ministério da Agricultura do desenvolvimento Rural e das Pescas. Lisboa.
Melgarejo, P.; Martínez-Valero, R.; Guillamón, J. M.; Miró, M.; Amorós, A. 1997. Estados Fenológicos Del Granado (*Punica granatum* L.). Actas de Horticultura Vol. 15. II Congreso Iberoamericano y III Congreso Iberico de Ciências Horticolas. Vila Moura. Portugal. p. 414-418.
Moreno, P. M.; Martínez-Valero, R. 1992. *El Granado*. Ediciones Mundi-Prensa. Madrid.
Rymón, D. 2011. Los precios en Europa de granados y arilos. Simposio de romas. Madrid.